



## *Historiografia da Igreja: uma análise dos métodos para se elaborar uma história eclesiástica.*

Julio Cesar de Macedo Fontana

### **Considerações Iniciais**

#### **HISTÓRIA ECLESIÁSTICA**

Segundo o professor Lourenço Stelio Rega, a história eclesiástica tem sido escrita sob o ângulo dogmático, político e narrativo seqüencial<sup>i</sup>. A disciplina tem sido ensinada de forma que se limita apenas a narrar eventos passados. Rega acredita que fazer história envolve mais do que apenas contar o passado. Professores e alunos devem se envolver conjuntamente na busca do significado dos eventos passados, analisar os fatos ocorridos para demonstrar os resultados deles para nós hoje e o que eles podem influenciar no amanhã. O estudo da história é dinâmico e não estático como nos é apresentado hoje. O aluno deve perquirir, a partir da análise do texto, o que algo já ocorrido pode tê-lo influenciado nos dias atuais, deve-se conscientizar que ele é um produto histórico.

#### **OS MANUAIS DE HISTÓRIA DA IGREJA**

Os manuais de história eclesiástica dificilmente mostram suas metodologias, ou seja, como foram produzidos, de qual ponto de vista contemplam a história. Certamente, haverá diferença entre manuais redacionados por um europeu, um asiático e um latino-americano. Os manuais que dispomos no Brasil em sua maioria são originários do velho mundo, destarte, são escritos a partir do ponto de vista europeu da história. Rieth nota que os docentes tendem a uma certa desconfiança em relação aos conteúdos dos manuais, preferindo usá-los como acréscimo secundário aos conteúdos por eles selecionados e investigados. A origem dessa desconfiança poderia residir tanto na inadequação da maior parte dos manuais, importados em sua maioria de âmbitos completamente avessos ao contexto brasileiro, como no fato de atenderem completamente às exigências relativas à comunidade denominacional a que está ligado o respectivo seminário teológico<sup>ii</sup>. Não devemos radicalizar e rejeitar aquilo que vem de "fora", pelo contrário devemos analisar toda a literatura disponível para que a base de nossas opiniões seja rica e diversificada<sup>iii</sup>. Uma solução proposta por Jorge Hamilton Sampaio é a não dependência, por parte dos docentes, de um único manual, pois isto significa reduzir a história da Igreja à concepção de um único historiador ou mesmo de um grupo de historiadores que utilizam uma mesma metodologia e um mesmo interesse em sua historiografia<sup>iv</sup>.

Pertinentes são, nesse momento, as teses para reflexão propostas por Ricardo W. Rieth:



- 1º) Os docentes de história da Igreja, em sua maioria, não se limitam ao uso de apenas um manual.
- 2º) Essa posição atende aparentemente ao objetivo pedagógico de não se limitar a apenas uma visão historiográfico-eclesiástica.
- 3º) Mas decorre também de insatisfação com os manuais, que não atendem aos objetivos particulares de formação teológica em cada instituição de ensino.
- 4º) Tal proposta dos/as docentes, no entanto, não precisa ser necessariamente seguida pelo estudantado, que por diversas razões se fixar em apenas um manual.
- 5º) Os manuais são indicados pela maior parte dos/as docentes para leitura prévia e preparatória às aulas.
- 6º) A maior parte dos manuais foi escrita fora e para um contexto totalmente diferente do brasileiro.
- 7º) Parte significativa dos/as docentes tenta superar essa deficiência, combinando o uso de diversos textos e recorrendo ao trabalho com fontes primárias pelo estudantado.

### A PRÁTICA EDUCACIONAL

A prática educacional, segundo Stélio Rega, tem indicado que nem sempre o professor de história religiosa e eclesial possui uma visão analítica e crítica de como foi construída a história que ele tem ensinado. Carlos Calvani nota que "a história tem mostrado que todas as instituições tendem a se tornar conservadoras e a inibir a criatividade"<sup>v</sup>. Martin N. Dreher parte de um outro ponto. Destaca ele que "cada professor de história da Igreja tem o compromisso de conduzir seus estudantes para o compromisso comum de cristãos, a partir do Evangelho, nos dias presentes. É impossível continuar-se a apresentar uma introdução particular a uma Igreja particular" (p. 100). O Dr. Antônio Gouvêa Mendonça ressalta outra dificuldade da prática educacional da disciplina de História da Igreja. Ele diz que "as instituições não se amendontram com a história quando ela é contada de cima para baixo, seja sob a forma de "crônica do rei", seja sob a forma de anais. Porém, quando a história busca outros sujeitos e se mostra crítica, incomoda as instituições"<sup>vi</sup>.

Outro problema concernente a prática educacional da disciplina de história da Igreja é o quadro atual do ensino e aprendizado da disciplina de história que está muito complicado, pois diante das deficiências as quais expomos acima, ainda soma-se a falta de vontade do estudante em aprender história, ou seja, ele não está disposto a aprimorar sua capacidade reflexiva, mas sim, "decorar" a matéria com o fim de obter aprovação na disciplina. Calvani nos confidencia: "Na condição de professor de teologia já um bom tempo, confesso-lhes que às vezes me sinto extremamente frustrado com a falta de interesse de nossos atuais estudantes em pesquisar com avidez o que há de mais recente na teologia"<sup>vii</sup>. O próprio observa que no mundo pós-moderno os jovens desejam rapidez, movimento e pouca concentração.



## IMPORTÂNCIA DO TEMA

Diante de tal perspectiva, o estudo em pauta se faz importante tanto para docentes, como para discentes, pois a história é a matéria que concede ao homem o seu significado como peça de um conjunto muito maior, ou melhor, a história afasta a individualidade mostrando que cada indivíduo faz parte de uma sociedade e que esta sociedade faz parte de um conjunto de outras sociedades às quais se sucederam no decorrer do tempo.

### **A importância da história para o cristianismo.**

Tanto para o judaísmo quanto para o cristianismo a intervenção de Deus na história é algo concreto. Para os judeus, Iahweh era o Deus de Israel e também seu governante. Ele travava batalhas, levantava e retirava reis, punia os inimigos de Israel bem como seu próprio povo. Fazia milagres e cuidava dos "interesses" da nação santa. Ele atuava na história da humanidade. Deus intervivia na história com o propósito redentivo de sua nação rebelde. O cristianismo herdou do judaísmo toda essa tradição de intervenções divinas na história. A única diferença é que para o cristianismo o evento principal já ocorreu (encarnação do verbo) e estamos caminhando para o último evento (Parusia). Portanto, o propósito para as inúmeras intervenções divinas na história da humanidade, para o cristão, já fora revelado, enquanto que os judeus ainda o aguardam. Esse propósito é "o messias".

O professor Paulo D. Siepierski<sup>viii</sup> observa: "Para o cristão, a história da humanidade reflete o plano de Deus, visando a salvação humana e, por isso, o elemento "providência" fornece a unidade para os eventos históricos. Assim, há um sentido na história, pois ela é uma marcha da humanidade, guiada por Deus, para sua realização".

Brunner declara que no centro deste testemunho do Novo Testamento situa-se o evento histórico: Jesus Cristo<sup>ix</sup>. Ensina o Dr. Cullmann que "a teologia afirma que a partir deste evento central que a história, em sua totalidade, deve ser compreendida e julgada"<sup>x</sup>. A história para os cristãos possui três pontos base, sendo que a encarnação de Deus é o evento central insubstituível, singular e irrepetível:

1. A Criação;
2. A encarnação de Jesus;
3. A parusia.

O cristianismo é uma religião fundamentada em um evento histórico, ou seja, na aparição do Cristo (Gl 4.4). Deus se fez homem (Jo 1.14), viveu durante um intervalo de tempo (Lc 2.1) e em um determinado espaço (Lc 4.16). Esse evento é o centro de toda revelação divina, de todo o propósito divino. Como ele ocorreu na história da humanidade, logo, a história exerce um papel vital na fé cristã.

O Professor Paulo Siepierski alerta que "para a fé cristã, o único evento insubstituível é a encarnação, Deus fazendo-se homem na história humana" (p. 32).



## O problema da ciência histórica

A ciência histórica e o historicismo positivista afirmam que o historiador, como sujeito que observa, se contrapõe à história como objeto e, assim, se coloca, enquanto espectador, fora do processo histórico que transcorre no tempo.

Bultmann observa que hoje em dia se impôs em grau crescente o reconhecimento de que não há tal contraposição, porque a própria percepção do processo histórico é um procedimento histórico. A distância de um ver neutro em relação ao objeto visto é impossível. A imagem aparentemente objetiva de processos históricos sempre é marcada pela individualidade de quem vê, a qual é, ela própria, histórica, nunca podendo ser um espectador situado fora do tempo histórico<sup>xi</sup>.

O problema consiste exatamente aqui: a ciência histórica não pode perscrutar as verdades bíblicas, pois, como Bultmann mesmo observa "a ciência histórica não pode, como fazem os escritos bíblicos, falar de um agir de Deus que intervenha no curso da história. Ela só pode perceber, como fenômeno histórico, a fé no agir de Deus, mas não ao próprio Deus".

História nada mais é que o retrato elaborado por um historiador de um evento qualquer. Esse evento não pode se repetir e não pode ser reconstituído. Portanto, não pode ser conhecido direta e plenamente. Mesmo as pessoas que presenciaram o evento irão descrevê-lo sob uma determinada óptica. Renan declara que "o talento do historiador consiste em fazer um conjunto verdadeiro com traços meio verdadeiros" (p. 31). Não existe história imparcial. Todos tendemos a defender um ou outro ponto de vista.

O controverso sociólogo e fundador da etnometodologia, Harold Garfinkel, acha que é impossível um observador ser objetivo e imparcial no estudo do fenômeno. Cada um de nós vê a realidade através de olhos condicionados pela cultura e por uma variedade de outras experiências<sup>xii</sup>.

## O evento central e a sua constatação pela ciência histórica

Karl Barth analisando sob um aspecto diferente afirma que a relação entre nós e Deus, entre o nosso mundo e o mundo de Deus, entre os dois planos que se interceptam, não é evidente por si só, porém se revela no ponto de destaque da linha de interseção: Jesus! [É Jesus que torna visível a relação entre nós e Deus; é apenas em Jesus que esse relacionamento pode ser visto]. É o Jesus de Nazaré; o Jesus "histórico" que nasceu da linhagem de Davi, segundo a carne, e que, em sua função histórica, significa o ponto de divisão [o ponto de tangência] entre um mundo nosso conhecido e outro, nosso desconhecido. Continua Barth dizendo que os anos 1 a 30 da nossa era, são de revelação e descobrimento. Estes são os anos durante os quais, voltando a vista para Davi, vemos uma nova era, diferente; vemos a finalidade, a razão de ser, de todos os tempos conforme os desígnios de Deus. Todavia o destaque, o privilégio desse tão pequeno período da história temporal, sobre todos os tempos, épocas e eras da história, desaparece porquanto ele mesmo proporciona aos demais períodos, épocas e eras a possibilidade de se transformarem também em tempos de



revelação e descoberta. Mais adiante, Barth declara que o ponto central da linha de interseção dos dois planos, semelhantemente ao plano desconhecido que ele anuncia [e ao qual ele pertence] não se expande sobre o plano do nosso mundo; [antes é um ponto de absorção, que absorve a nossa história como vórtice de um sumidouro]. Barth conclui que à medida que o nosso mundo [temporal] for tocado pelo outro mundo [de Deus] através de Jesus, deixa ele de ser histórico, temporal, material diretamente perceptível<sup>xiii</sup>.

Portanto, Barth acredita que a ciência histórica não pode perscrutar as verdades bíblicas, não pode indagar a existência histórica do ponto central e não pode questionar as verdades bíblicas. Como vimos, o historiador é incapaz de descrever aquilo que ocorre na história de forma eficaz, conseqüentemente, tanto os Evangelhos como o livro de Atos dos Apóstolos se tornam suspeitos para nós, pois eles são a tentativa de um observador de descrever eventos históricos. Brunner observa que a revelação do fato histórico Jesus Cristo como uma revelação histórica para nós que somos separados dele por uma história de mais de mil e novecentos anos, nos é acessível somente através dos testemunhos dos mestres e testemunhas. A revelação de Cristo chega a nós nas Palavras dos Apóstolos, no Novo Testamento. Mediante essa constatação que a revelação em Cristo nos foi intermediada pelos apóstolos, a neo-ortodoxia rejeita a doutrina da Inspiração Verbal. Brunner afirma que A Escritura é uma palavra inspirada pelo Espírito de Deus; ao mesmo tempo é uma mensagem humana; seu "caráter humano" significa que ela é representada pela fragilidade e imperfeição de tudo o que é humano<sup>xiv</sup>. O Dr. Paulo Siepierski adota a mesma linha dizendo:

Para a fé cristã, o fim da certeza na análise histórica tem duas implicações principais. Em primeiro lugar, a fé cristã se diz fundamentar num evento histórico, que é a pessoa de Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus. Numa abordagem superficial, pode parecer que se não for possível comprovar que tal evento aconteceu na realidade, a fé cristã estaria em perigo. Por isso que a teologia fundamentalista procura persuadir que o evento Jesus aconteceu na realidade como afirmam os escritos considerados canônicos pela tradição da Igreja.

Siepierski questiona: ora se o atual debate sobre filosofia da história diz que o passado é inacessível, como sustentar a afirmação cristã num evento passado? Responde: parece-me que se não quisermos cometer suicídio intelectual, e mantendo diálogo contemporâneo, temos duas saídas.

- A primeira, é que a afirmação da inacessibilidade ao passado é fruto da crise da razão histórica. Quer dizer para razão histórica, o passado é inacessível.
- A segunda, é que a fé cristã é apostólica. Isso significa dizer que nosso acesso ao evento Jesus não é imediato, mas mediado pelos apóstolos. Cremos no Jesus segundo os apóstolos, responde Siepierski.



### Fazendo história da Igreja

O Dr. Jaci Maraschin ensina que “fazer história da igreja significa recolher fragmentos que sobraram nos finais das épocas”. Mas não é só isso. O historiador verifica através desses fragmentos se existe um fio condutor o qual “amarre” todos esses fragmentos em um sentido aceitável. Portanto, não se trata da realidade – essa jamais é obtida – e sim algo próximo do evento. Max Weber dizia que o cientista como indivíduo em ação, age guiado por seus motivos, sua cultura, sua tradição, sendo impossível descartar-se, como propunha Durkheim, de suas prenoções<sup>xv</sup>. Ou seja, qualquer que seja a perspectiva adotada pelo cientista, ela sempre resultará numa explicação parcial da realidade.

Observa Cairns com razão: “A história, como evento, é absoluta, ocorrendo somente uma vez no tempo e no espaço; mas história como informação, pesquisa e interpretação, é relativa e sujeita a mudança”.

Tony Lane analise a questão mais profundamente:

Há dois modos de abordar a história. Algumas pessoas tratam-na como um espelho, no qual admiram suas próprias faces. Ao estudar apenas períodos e pessoas selecionados, recriam o passado à sua própria imagem para glorificarem a si mesmas. Mas nós vemos nossas próprias caretas feias do passado apenas ao transformar a história num espelho de deformar. A abordagem adequada é tratá-la como uma janela. Uma janela é olhar para fora, para ver algo diferente. Podemos aprender com a história, porque, como uma viagem ao exterior, ela nos mostra que o nosso não é o único modo de fazer as coisas.

Também se manifesta, quanto à atividade do historiador, José Carlos Reis:

Historiador não é um colecionador e empilhador de fatos. Ele é um construtor, recortador, leitor e intérprete dos processos históricos... o passado e o fato histórico dados não engendram o historiador e a história, mas é o historiador em seu presente que interroga o passado e constrói os dados necessários à prova de suas hipóteses. O historiador constrói os seus fatos e não os recebe automática e passivamente dos documentos.

Renan, importante filósofo e historiador francês do século XIX, vê o historiador como alguém que se preocupa apenas com a arte e a verdade. Comenta ainda que uma coisa que o teólogo nunca saberia ser é um historiador, pois ele possui apenas um único interesse – seu dogma<sup>xvi</sup>. Isso pode acarretar aquilo que Stélio Rega tem nos alertado – a história eclesiástica tem sido escrita sob o ângulo dogmático, político e narrativo seqüencial. Será que teólogos não deveriam escrever história da igreja? Renan responde a questão: “O teólogo ortodoxo pode ser comparado a um pássaro na gaiola – qualquer movimento próprio lhe é proibido. O teólogo liberal é um pássaro ao qual lhe cortaram algumas penas da asa”.



A história da igreja não pode ser discutida por alguém que pensa em edificar, escandalizar, em defender dogmas nem derrubá-los, devem ser discutidas sem outros preconceitos que não os que constituem a própria essência da razão.

A professora Wanda Deifelt<sup>xvii</sup> alerta que “o ensino de história da Igreja tem sido, com algumas exceções, um ensino apologético. Deixando de lado os conflitos, preocupamo-nos em defender nossas denominações religiosas, em louvar nossos antepassados, em encobrir desavenças”.

A história da Igreja que abordaremos é aquela contada pelos cidadãos proeminentes da sociedade, pela classe dominante religiosa, por grandes teólogos e pensadores. Estão excluídos o povo, as mulheres, os índios e negros. Lourenço Stelio Rega observa que a história não foi “desenhada” pelos grandes líderes religiosos, muito menos pelos movimentos doutrinários e conciliares. Há indivíduos, famílias, relacionamentos diversos que também formam o compósio geral do fio temporal da história, que não podem mais deixar de serem resgatados e de figurarem no quadro da história da igreja.

A história da igreja acentua essa parcialidade, formando, geralmente, resultados apologéticos. O Dr. Jaci Marachin<sup>xviii</sup> se manifesta acerca dessa questão da seguinte forma: “Existe uma história vivida e outra contada. É claro que entre a história vivida e a contada existe uma diferença. A que se vive, não se repete, nem se aprende. A que se conta é sempre contada segundo interesses e, portanto, pontos de vista. É por isso que as histórias das denominações tendem a ser triunfalistas e apologéticas”.

Siepierski chama atenção para o fato de que tradicionalmente, a historiografia do movimento cristão tem visado preservar a memória das instituições desenvolvidas dentro dele. Esse tipo de historiografia é normalmente triunfalista, apologético e hagiográfico. Hoornaert tem denominado esse estilo de tradição eusebiana. Siepierski destaca que em contraposição à tradição eusebiana, temos a tradição profética, aquele tipo de historiografia que visa a memória das múltiplas práticas cristãs na linha do profetismo. Concentrando sua atenção nas forças históricas e nos lugares sociais quando no estudo da história do cristianismo, ou seja, considerando o cristianismo uma superestrutura e a base econômica social e política na qual se move como o elemento estrutural, a tradição profética tem se fortalecido muito na historiografia latino-americana contemporânea, a qual tem se aproximado bastante daquela assumidamente materialista.

### **Análise dos métodos**

A história nos mostra através dos fatos passados aquilo que precisamos saber do futuro. Conseqüentemente, a história da igreja é fundamental para a compreensão da igreja de hoje. Cairns declara que: “podemos compreender melhor o presente se conhecemos as suas raízes do passado”.

Earle E. Cairns (p. 14) define história da Igreja como: “o relato interpretado da origem, progresso e impacto do cristianismo sobre a sociedade humana, baseado em



dados organizados e reunidos pelo método científico a partir de fontes arqueológicas, documentais ou vivas. Ela é a história interpretada e organizada da redenção do homem e da terra”.

Assim sendo é muito importante possuímos um pleno conhecimento do passado a fim de compreendermos o presente e nos prepararmos para o futuro.

### **A FILOSOFIA DA HISTÓRIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DA IGREJA.**

Iniciaremos essa reflexão vendo o conceito de “filosofia da história”. Claudionor Corrêa de Andrade ensina:

FILOSOFIA DA HISTÓRIA – Disciplina que tem por objetivo o estudo sistemático e racional da história humana. Eis as principais questões dessa matéria: 1) A História é cíclica ou linear? 2) A História é determinista? 3) Deus de fato intervém na História ou a tarefa de fazer a História cabe exclusivamente à humanidade?

Todas as três questões são importantes para o cristianismo. Vejamos:

Primeira questão: Para o cristão a história é linear. Os gregos criam em uma história cíclica<sup>xix</sup>. Uma história linear significa que ela tem um fim, um significado. Cairns ensina que os judeus tornaram possível uma filosofia da história por insistirem que a história tem significado. Eles se opuseram a toda e qualquer visão que deixasse a história sem significado, como uma série de círculos ou como um processo de evolução linear. Eles sustentavam uma visão linear e cataclísmica da história, na qual o Deus soberano, que criou a história, iria triunfar sobre a falha do homem na história para trazer uma era dourada (p. 35,36).

Segunda questão: Para o cristianismo a história não é determinista, pois segundo Gen 1.26, o ser humano foi criado para determinar, governar o mundo e ter pleno domínio sobre os meios e as circunstâncias. O determinismo causa uma inadequada falta de responsabilidade no ser humano, fazendo com que se veja como um espectador da vida.

Terceira questão: Deus não só intervém na história da humanidade como a prepara para a consumação.

Após vermos que a filosofia da história é muito importante para nós cristãos, devemos analisá-la minuciosamente. A filosofia da história pode ser subdividida em duas partes: substantiva e analítica. O professor Paulo D. Siepierski ensina:

A filosofia da história substantiva está preocupada com os eventos e pessoas da história. Seu objetivo principal é compreender como os eventos





da história passada podem ser arranjados de tal forma a indicar a maneira pela qual eventos futuros irão ocorrer. Grande parte da metodologia dessa disciplina consiste em ordenar os eventos do passado num padrão que demonstre a relação entre esses eventos. Uma vez que esse padrão é estabelecido, os eventos futuros podem ser preditos aplicando tal padrão no tempo futuro. Ademais, a filosofia da história substantiva procura estabelecer a significância de um evento dentro do contexto de toda a história.

A filosofia da história analítica difere da filosofia da história substantiva no ponto em que seu objeto é muito mais os documentos históricos do que os eventos registrados nesses documentos. Essa disciplina não é preditiva, uma vez que sua única preocupação são os registros de eventos passados. Seus objetivos principais são compreender como os historiadores perceberam os eventos passados e como eles registraram tais eventos. Em suma, a filosofia da história analítica busca determinar significado na historiografia enquanto a filosofia da história substantiva busca determinar o significado de toda a história.

O Professor Lourenço Stelio Rega conclui que através dessa compreensão historiográfica, sem dúvida, há uma abertura para uma compreensão do futuro, especialmente utilizando a visão da filosofia da história substantiva. Assim acrescenta-se uma motivação teleológica na escrita da história. Esclarece ainda que sem dúvida, não é possível negar que essa concepção historiográfica é estranha à História, mas plenamente compatível com os paradigmas dos estudos teológicos cristãos que olham para a história não apenas sob o foco do passado, mas também do presente, através da ação ética e participativa no cotidiano da vida, e também para o futuro num enfoque escatológico. Mesmo tendo consciência que as duas espécies de filosofia da história são interdependentes iremos trabalhar dentro da filosofia da história substantiva em virtude dessa interessar mais aos cristãos.

### **MAX WEBER E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DA IGREJA**

Max Weber não achava que uma sucessão de fatos históricos fizesse sentido por si mesma. Para ele todo historiador trabalha com dados esparsos e fragmentários. Por isso, propunha para esse trabalho o método *compreensivo*, isto é, um esforço interpretativo do passado e de sua repercussão nas características peculiares das sociedades contemporâneas. Essa atitude de compreensão é que permite ao cientista atribuir aos fatos esparsos um *sentido* social e histórico<sup>xx</sup>. A contribuição de Weber para o estudo da história da igreja consiste naquilo que ele denomina de "tipo ideal". Tipo ideal se resume em uma construção abstrata a partir dos casos particulares analisados. O cientista, pelo estudo sistemático das diversas manifestações particulares, constrói um modelo acentuando aquilo que lhe pareça característico ou fundante. Nenhum dos exemplos representará de forma perfeita e acabada o tipo ideal, mas manterá com ele uma grande semelhança e afinidade, permitindo



comparações e a percepção de semelhanças e diferenças. Constitui-se um trabalho teórico indutivo que tem por objetivo sintetizar aquilo que é essencial na diversidade das manifestações da vida social, permitindo a identificação de exemplares em diferentes tempos e lugares<sup>xxi</sup>.

Uma das aplicações à história da igreja que Weber fez de seu instrumento de análise foi o dos “movimentos cíclicos das religiões”. “Max Weber notou que as religiões movem-se em padrões historicamente cíclicos. Na primeira parte de um ciclo, um líder carismático (um profeta, místico ou clérigo, por exemplo) desempenha um papel proeminente. Esta pessoa transmite uma visão nova e poderosa às pessoas que estão preparadas para recebê-la. Depois que aceitam a mensagem do líder carismático e tornam-se seus discípulos, estas pessoas entram na fase de consolidar e formalizar os *insights* do líder. Esta fase é comumente marcada pelo tradicionalismo: os seguidores empenham-se em manter o poder e a vitalidade da mensagem como recebidas do fundador. A novidade dá lugar à rotina. A espontaneidade dá lugar à institucionalização. Os ajuntamentos sociais e eventos que outrora requeriam pequena promoção ou notificação anterior agora ocorrem de acordo com um horário fixo. Com o passar do tempo, os seguidores separam-se em facções identificáveis no grupo: os que prudentemente aderem às rotinas da instituição, e os que tentam recapturar a vitalidade da mensagem original do fundador. A tensão entre estas duas facções pode durar muito tempo, mas eventualmente uma divisão acontece e o ciclo começa novamente quando uma nova figura carismática explora a tensão (Michael D. Palmer)”. Outra aplicação consta em sua obra “*A ética protestante e o espírito do capitalismo*”, na qual ele relaciona o papel do protestantismo na formação do comportamento típico do capitalismo ocidental moderno<sup>xxii</sup>.

### Conclusão

Como abordaremos a história da igreja? Sob qual perspectiva? Triunfalista, apologética, denominacional? Sob seu aspecto social ou utilizando a filosofia da história? Como encaramos a história da igreja? De modo dinâmico ou estático? Todas essas perguntas diferenciarão o resultado da sua história da igreja, sendo como vai entendê-la ou como irá elaborá-la. Como vimos, não existe história imparcial. Todas contêm as características subjetivas do seu autor. Estando conscientes da falha existente em nosso esforço estaremos mais propensos ao êxito de escrever uma história pelo menos abrangente, ou seja, mostraremos “os dois lados da moeda” e levaremos o leitor a concluir simultaneamente conosco sob determinado assunto. Não adianta apresentarmos ao aluno a história da igreja em rito judicial, onde são produzidos materiais probatórios tanto a favor quanto contra a um determinado evento. Devemos buscar a verdade latente do conjunto probatório, todavia, não devemos esquecer de que o próprio leitor deve decidir-se ao caminho que irá tomar. O desenvolvimento da capacidade indutiva do estudantado deve ser desenvolvida até atingir seus parâmetros máximos e não fazer da história, como está acontecendo atualmente, uma disciplina de aperfeiçoamento da memória.



- 
- <sup>i</sup> REGA, Lourenço Stélio. Fazendo História da Igreja: um ensaio de historiografia para a igreja e a educação teológica. Artigo publicado na Revista da APG, Ano VIII, 1999, São Paulo: PUC-SP, p. 50-59.
- <sup>ii</sup> Ricardo W. Rieth in: *Os Manuais de história da Igreja em uso nos seminários teológicos do Brasil: uma análise*, História da Igreja em Debate. Martin N. Dreher (org). São Paulo: ASTE, 1994, p. 137.
- <sup>iii</sup> Ricardo W. Rieth observa, por meio de pesquisas em seminários de teologia do Brasil, que há uma forte tendência nos docentes em evitar a fixação num só autor, privilegiando o uso de diversos manuais pelo estudantado (História da Igreja em Debate, p. 134). Carlos Calvani alerta quanto ao perigo da radicalização de se fechar em um provincianismo e dar as costas a tudo o que acontece de positivo que venha do hemisfério norte (Desafios para o ensino da Teologia na perspectiva latino-americana, Carlos Eduardo B. Calvani, CEA).
- <sup>iv</sup> História da Igreja em Debate, p. 146.
- <sup>v</sup> Desafios para o ensino da Teologia na perspectiva latino-americana, Carlos Calvani.
- <sup>vi</sup> História da Igreja em Debate, p. 13.
- <sup>vii</sup> Ibid.
- <sup>viii</sup> **Paulo D. Siepierski** é professor de História da Igreja, doutor em teologia e tem publicado livros e artigos teológicos em revistas especializadas no Brasil e no exterior.
- <sup>ix</sup> Brunner, Emil. Dogmática. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004, p. 31.
- <sup>x</sup> Cullmann, Oscar. Cristo e o Tempo: tempo e história no cristianismo primitivo. São Paulo: Editora Custom, 2003, p. 58.
- <sup>xi</sup> Bultmann, Rudolf. Demitologização. São Leopoldo/RS: Editora Sinodal, 1999, p. 96.
- <sup>xii</sup> Citado por Henry A. Virkler in: *Hermenêutica Avançada: princípios e processos de interpretação bíblica*. São Paulo: Editora Vida, 2001, p. 12.
- <sup>xiii</sup> Barth, Karl. Carta aos Romanos. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2003, p. 29.
- <sup>xiv</sup> Brunner, Dogmática, p. 39-54.
- <sup>xv</sup> Costa, Cristina. Sociologia: introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 1997, p. 74.
- <sup>xvi</sup> Ernest Renan, Vida de Jesus. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004, p. 22.
- <sup>xvii</sup> **Wanda Deifelt** é professora da Escola Superior de Teologia da IECLB, é pastora da mesma igreja e autora de artigos especializados.
- <sup>xviii</sup> **Jaci Maraschin** é doutor em ciências da religião e autor de livros e artigos na área de teologia e liturgia.
- <sup>xix</sup> Para um estudo aprofundado dessa questão ver "Cristo e o tempo: o tempo e a história no cristianismo primitivo" de Oscar Cullmann, São Paulo: Editora Custom, 2003.
- <sup>xx</sup> Costa, Cristina. Sociologia, p. 71.
- <sup>xxi</sup> Ibid., p. 75.
- <sup>xxii</sup> Ver alguns dos principais aspectos da análise no livro Costa, Cristina. Sociologia: introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Moderna, 1997, p. 75 e 76.